



## ARTES VISUAIS E CORPOREIDADE NA PESQUISA-ENSINO – REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Maristani Polidori Zamperetti - UFPel  
Ângela Balzano Neves - UFPel

**Resumo:** O presente texto apresenta uma investigação caracterizada como pesquisa-ensino (PENTEADO, 2010), baseada em nossas experiências de ensino como professoras de Artes Visuais no Ensino Fundamental, em escolas públicas de uma cidade do Rio Grande do Sul. Temos como objetivo, socializar práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do nosso percurso profissional, nas quais a corporeidade permeia a aprendizagem dos conteúdos dessa área de conhecimento. Entendemos que a ampliação da cultura corporal do movimento deve ser uma proposta presente na educação contemporânea. Para tanto, é necessário a construção de espaços na escola em que o aluno possa participar ativamente expressando seus sentimentos, ideias, afetos e emoções. Os conteúdos trabalhados em Artes Visuais foram aprendidos a partir de experiências em que os sentidos corporais estavam presentes. Por meio do Ensino da Arte possibilitamos o afloramento de sentidos, possibilitando o envolvimento dos estudantes de forma prazerosa, construindo significados para o mundo e a vida, o que pode contribuir para a sua formação humanizadora.

**Palavras-Chave:** Artes Visuais – Corporeidade – Ensino de Arte – Pesquisa-Ensino

Discutindo as questões referentes à corporeidade no espaço escolar e as relações estabelecidas por meio do ensino de Artes Visuais, buscamos na metodologia da pesquisa-ensino (PENTEADO, 2010), uma forma de presentificar algumas experiências de ensino vivenciadas por nós, professoras desta área de conhecimento. Temos como objetivo, socializar práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do nosso percurso profissional, nas quais a corporeidade permeia a aprendizagem de conteúdos da Linguagem Visual.

Para a produção deste texto foram considerados os dados coletados pelas autoras nos anos de 1995, 1996, 2007 e 2011. Os dados compreendem fotografias, planos, registros e observações de aula ministradas a crianças e adolescentes, com a autorização de seus pais e/ou responsáveis. As fotografias das produções artísticas dos alunos e os registros em caderno de campo das professoras-pesquisadoras foram utilizados como elementos de pesquisa e motivadoras de reflexão a respeito da arte como propiciadora da ação da corporeidade na escola.

A pesquisa-ensino pode ser considerada uma das diferentes possibilidades de abordagem da pesquisa-ação realizada no ensino, conforme apontado por Penteado (2010). Assim, de acordo com a autora, denomina-se pesquisa-ensino a que é realizada

durante e como ato docente, pelo profissional responsável por essa docência. Essa atuação visa à vivência de condutas investigativas na prática de ensino, que permitem exercê-lo como um processo criativo do saber docente. [...] Isso resulta na “docência investigativa” que, ao se realizar, propicia um tipo de relação dos alunos entre si, com o conhecimento e com o professor (PENTEADO, 2010, p. 36).

Penteado (2010) assegura que a pesquisa-ensino leva os envolvidos à busca da autonomia intelectual e socialização do conhecimento, num processo em construção. O que se pretende conhecer melhor são as relações surgidas no processo de ensino e aprendizagem; no nosso caso específico, as vivências e possíveis experiências ocorridas no desenvolvimento das atividades planejadas de Artes Visuais.

Neste processo qualificamo-nos como professoras-pesquisadoras, relacionando-nos com dois tipos de ação – a ação docente e a ação investigadora – ambas pertencentes ao campo do afetivo/racional/relacional/comunicacional na busca do conhecimento, conforme apontado por Penteado (2010).

A corporeidade compreende a capacidade do indivíduo sentir e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o mundo; então, a escola é um ambiente que pode colaborar na constituição da corporeidade. Para Fiorentin, Lustosa e Rocha (2004), a corporeidade indica movimento, emoção, corpo, mente e espírito, significando as relações do indivíduo consigo, com os outros e com o mundo. É um processo de construção que acontece ao longo da existência do sujeito.

Segundo Fontanella (1995), o espaço escolar é formado por disciplinas, departamentos, salas de aulas e pessoas. O contexto apontado, na maioria das vezes, se apresenta segmentado, não estabelecendo relações entre sujeitos e situações do cotidiano escolar. Este fato reforça o individualismo que caracteriza a sociedade atual. O individualismo é uma consequência da divisão entre as diferentes dimensões físicas e humanas. O aluno também aprende a dividir-se, ora utilizando o corpo, ora utilizando a mente na tentativa de ajustar-se a compartimentação do ambiente escolar.

A escola nega as vivências das crianças fora da escola, abandonando o corpo real da criança que se expressa no mundo por meio de movimentos, ritmos, conhecimentos, percepções e linguagem. À criança e ao jovem são negadas as suas ações corporais, que fazem parte de suas experiências de vida, sendo sua corporeidade ignorada no âmbito escolar (FIGUEIREDO, 2007).

No espaço escolar a educação ocorre mediada pela visão de mundo que professores e adultos expressam através de palavras, gestos e modos de ser.

Os educandos precisam expor suas opiniões, pontos de vista, desejos e paixões, pois necessitam exercitar sua autonomia. A relação educacional envolve pessoas que necessitam ensinar e aprender, portanto é fundamental a integração da corporeidade às práticas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento global do educando. A condição livre do movimento e da expressão corporal tem sido esquecida pelos adultos na escola, porém pode ser utilizada como forma de conhecimento e expressão por crianças e adolescentes.

A educação pela Arte é uma atividade estética e criadora por si própria. Nela está presente o jogo, o brinquedo e o envolvimento prazeroso em busca de equilíbrio, construindo um sentido para o mundo e a vida. O ensino por meio da arte implica numa aprendizagem estética sobre os valores, sentimentos e significações de cada indivíduo. Assim, a finalidade

da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética, [...] significa uma capacidade de escolha, uma capacidade crítica para não apenas se submeter à imposição de valores e sentidos, mas para selecioná-los e recriá-los segundo nossa situação existencial (DUARTE JÚNIOR, 1983, p.73).

Os conteúdos trabalhados em Artes Visuais podem ser aprendidos a partir de experiências em que os sentidos corporais estejam presentes. O corpo apresenta-se como forma de percepção, ação e expressão para os indivíduos. Para Duarte Júnior (2010), o desenvolvimento da sensibilidade no estudante requer experiências em que os sentidos estejam presentes em suas vivências escolares.

O aluno, a partir da manipulação de diferentes técnicas de expressão pode desenvolver o espírito criativo, suscitar o gosto pela descoberta, multiplicar as oportunidades de observação, favorecendo o pleno emprego de suas faculdades, tanto as do corpo como as da mente, em todos os seus componentes, realizando assim a união da inteligência com a sensibilidade, contribuindo para a ação educativa integral.

A aprendizagem e o desenvolvimento do sujeito se realizam pela ação corporal, por meio de interações humanas. A corporeidade [do estudante] deve ser colocada como origem de todo projeto que vise educá-lo e a fortalecê-lo como princípio da vida em sociedade (DUARTE JR, 2006, p. 139).

Para Ferraz e Fusari (1999), o exercício e o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da fantasia e do sentimento acontecem por meio de atividades lúdicas, que podem ser promovidas na apreensão dos conhecimentos artísticos e estéticos.

Com apoio nos estudiosos citados é que procuramos utilizar em nossas práticas pedagógicas, metodologias que promovam a expressão da corporeidade no intuito de motivar e produzir conhecimento com os alunos no processo de ensino e de aprendizagem.

A seguir, iremos relatar algumas experiências e pesquisas desenvolvidas por nós, a partir de metodologias de ensino de Artes Visuais, em escolas públicas de uma cidade do Rio Grande Sul.

O conteúdo “Arte Contemporânea – instalação” foi desenvolvido no ano de 1995, nas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental numa escola estadual, em que os alunos vivenciaram a corporeidade na realização de uma instalação artística.

A instalação é uma obra artística que ocupa o espaço, podendo compor um ambiente a partir da organização de elementos diversos: objetos, quadros, esculturas, vídeos e signos de caráter conceitual, formal ou plástico. Ao deslocar-se por entre os objetos, o espectador tem uma participação direta na exploração do espaço em que se desenvolve a instalação, porém existem dificuldades de se definir um conceito em relação a esta manifestação artística.

O termo instalação foi incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando assemblage ou ambiente construído em espaços de galerias e museus. [...] Quais os limites que permitem distinguir com clareza a arte ambiental, a assemblage, certos trabalhos minimalistas e a instalações? As ambiguidades que apresentam desde a origem não podem ser esquecidas, tampouco devem afastar o esforço de pensar as particularidades dessa modalidade de produção artística que lança a obra no espaço, com o auxílio de materiais muito variados, na tentativa de construir um certo ambiente ou cena, cujo movimento é dado pela relação entre objetos, construções, o ponto de vista e o corpo do observador. Para a apreensão da obra é preciso percorrê-la, passar entre suas dobras e aberturas, ou simplesmente caminhar pelas veredas e trilhas que ela constrói por meio da disposição das peças, cores e objetos (ITAÚ CULTURAL, 2012).

Proporcionando estímulos de natureza visual, auditiva, tátil e olfativa, a instalação produz sensações que demandam a interconexão dos vários sentidos relacionados no momento da exploração do ambiente, promovendo a potencialização da interação do espectador com seu trabalho. Desta forma pode-se pensar que a entrada

na obra não [se dá] só pelos olhos. Como as criações artísticas, muitas vezes, são penetráveis, acaricia-se a sua matéria com as mãos, com o corpo inteiro que a toca, ou a abraça, ou dela quer fugir em repulsão, asco, pavor. Junto ao tateá-la, sente-se os aromas ou os cheiros diversos que ela exala (PILLAR, 1999, p. 93-94).

A proposta de criação da instalação foi desenvolvida para que os alunos pudessem interagir, utilizando os sentidos corporais. Duarte Júnior (2010) afirma que por meio de experiências que privilegiem os sentidos corporais, o estudante poderá desenvolver a sua sensibilidade, e com isso, contrapor a realidade competitiva da sociedade contemporânea.

Cada turma foi dividida em grupos e cada grupo teve como proposta de trabalho a criação de uma instalação por meio de temas de interesse dos estudantes a partir de uma pesquisa prévia sobre o assunto. Os temas escolhidos pelos alunos foram variados: Morte, Paz, Violência, Amor, Drogas, dentre outros. Cada grupo fez estudos sobre o assunto escolhido e coletaram materiais e músicas para a construção das instalações. Após a

montagem de cada instalação, os colegas prestigiaram o trabalho do grupo por meio de um debate de ideias, com o objetivo de discutir a instalação realizada.

O grupo de alunos que escolheu o tema “Morte” (Fig. 1) relatou que se dirigiram à uma igreja, com a finalidade de entrevistar o padre, na intenção de saber o significado da palavra morte para a religião católica. Observa-se, neste caso, a extrapolação de temas estudados no espaço da aula para ambientes diferentes do contexto escolar.



Figura 1 – instalação sobre o tema “Morte” (1995)

Outros grupos realizaram atividades corporais na forma de performances, conjugadas à instalação. A performance é uma modalidade artística interdisciplinar que pode combinar música, poesia, teatro ou vídeo, e geralmente tem um roteiro previamente planejado, buscando romper as distâncias entre arte e vida cotidiana (ITAÚ CULTURAL, 2012).

Pensamos que com esta forma de atuação pedagógica, a escola torna-se aberta a exposição das ideias dos alunos, pois é importante propiciar momentos de escolha e reflexão sobre os assuntos que interessam a eles. Os estudantes puderam sentir-se agentes das suas aprendizagens no momento em que saíram em busca de informações, pesquisando e retornando a escola para participarem do espaço de reflexão sobre o tema e os trabalhos realizados.

Para Freire (2004), a percepção crítica envolve a aprendizagem e esta não serve somente para a adaptação à realidade, mas para a transformação e intervenção humana no mundo. Da mesma forma, podemos pensar que em relação à corporeidade, a expressão de ideias e de sentimentos é fundamental para repensar o corpo. Assim, entendemos

[...] que esse corpo deve construir-se socialmente, assim como os conhecimentos devem buscar novas formas de relações sociais, em que o homem possa constituir-se como pessoa capaz de lançar-se para fora de si, interferindo no mundo (FIGUEIREDO, 2006 p. 40).

Os alunos por meio das atividades oportunizadas pela instalação puderam exercitar sua corporeidade ao realizar a atividade de forma integral. Os grupos-plateia, envolveram-se intelectual e corporalmente, experienciando de forma sensível a temática trazida pelos colegas.

Conforme pontua Duarte Júnior (2006, p. 217), “tudo aquilo que é sentido por nós faz sentido, ao mesmo tempo que nos indica um sentido a seguir”. Assim, verificamos que cada grupo concretizou aquilo que fazia sentido para eles. Na pesquisa do tema da instalação, os alunos confrontaram seus saberes com os novos conhecimentos trazidos pela professora e grupos, assim puderam exercitar a autonomia e a auto-confiança no que estavam realizando.

A experiência concretizada no ano de 1996 ocorreu no espaço externo à sala de aula. Entendemos que não é somente no ambiente interno da sala de aula que se dão as aprendizagens e experiências que possibilitam o conhecimento.

Para desenvolver conteúdos de História da Arte foi proposto, a partir do Jogo Teatral *Quadros de uma Exposição*, sugerido por Reverbel (1993), que os alunos fizessem montagens cênicas com seus corpos, de acordo com imagens de obras de arte de diferentes períodos históricos.

Os alunos, distribuídos em grupos, escolheram imagens para imitar as cenas manifestas nas obras de arte, utilizando seus corpos e diversos materiais coletados em suas casas. Escolheram as seguintes obras, dentre as inúmeras que foram apresentadas a eles: “A Negação de Pedro” de Georges de La Tour, “Almoço na Grama” e “Mulheres no Jardim” de Claude Monet (Fig. 2 e 3), “O Mercado” e “Siesta” de Paul Gauguin (Fig. 4 e 5).



Figura 2 – “Almoço na Grama”(detalhe, 1865-1866) de Claude Monet

Fonte: [http://www.girafamania.com.br/artistas/personalidade\\_monet.html](http://www.girafamania.com.br/artistas/personalidade_monet.html)



Figura 3 – Cena realizada pelos alunos a partir da obra de Monet “Almoço na Grama”

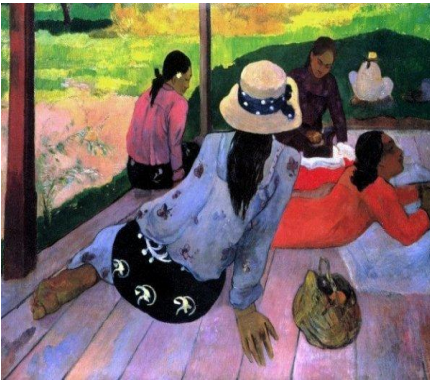


Figura 4 – “Siesta, Taiti” Paul Gauguin (1892-1894)

Fonte: <http://www.art-wallpaper.com/8805/Gauguin+Paul/The+siesta?Width=1024&Height=768>



Figura 5 – Cena realizada pelos alunos a partir da obra de Gauguin “Siesta, Taiti”

Cada grupo que observava a montagem comparava a imagem da obra de arte com a cena estática formada pelo grupo e auxiliavam seus colegas, para que a cena ficasse parecida com a imagem. Os alunos escolheram as obras a partir de imagens da coleção Gênios da Pintura.

Através do trabalho com imagens de obras de arte, foi oportunizado aos estudantes a vivência da sua corporeidade. Para Merleau-Ponty (1989), o corpo possibilita formas de



aprendizagem e funciona como agente do conhecimento. Para tanto, o espaço educacional precisa ser vivido e construído pelos alunos por meio da atuação corporal.

No ano de 2007 foi realizada uma experiência de ensino com pesquisa numa turma de alunos do 7º ano, de uma escola municipal. Com o objetivo de compreender as relações estabelecidas entre as corporeidades juvenis e suas expressões criativas na forma de retratos – produções artísticas corporificadas em construções tridimensionais foi elaborado um plano de trabalho. Este consistia em observação e análise de reproduções de imagens de Giuseppe Archimboldo, e posterior produção de releituras e/ou composições plásticas tridimensionais com elementos da natureza ou produzidos industrialmente, escolhidos e coletados pelos alunos (Fig. 6).

A escolha do artista não se deu de forma aleatória, pois Archimboldo produziu obras nas quais as questões da corporeidade, principalmente a face, estavam em evidência. Ele realizava retratos de pessoas, mas não de forma realista, e sim composições com figuras de animais, vegetais e outros objetos naturais, que conjugadas, produziam imagens de rostos, como numa ilusão de ótica, utilizando somente pincéis e tintas. Abóboras, pepinos, cebolas, plantas, animais e objetos povoam suas pinturas, provocando a imaginação de crianças e adultos de todos os tempos, numa espécie de colagem que faz menção ao gênero da natureza-morta.

Assim, entende-se que a obra de Archimboldo poderia produzir interesse e curiosidade nos alunos, promovendo sincronia com suas vivências corporais.

Foi possível perceber através do trabalho criativo, características que identificam os jovens como pertencentes aquele contexto. É importante salientar que estes elementos são vivenciados com seus corpos, pois residem no ambiente, e provavelmente têm experiências sensíveis em relação à materialidade da natureza.

Como o local onde se situa a escola é uma região pesqueira, além de vegetais, frutas e produtos culinários, os alunos trouxeram conchas, escamas de peixe, areia, estabelecendo vínculos com o seu entorno e valorizando a materialidade dispersa no meio ambiente.





Figura 6 – Aluno construindo rosto com elementos da natureza e outros materiais

Assim, devemos estar atentos às experiências cotidianas e corporais dos alunos, como também a familiaridade destes com a arte, estabelecendo uma estreita relação com o seu contexto próximo.

Os estudos contemporâneos na área de educação e arte “[...] vêm centrando-se na importância do contexto: a cultura em que a pessoa vive, os valores da família, tipos de escolarização, ambientes, objetos, etc...” (ROSSI, 2003, p.21). Além das atribuições de significados e interpretações relativas ao seu contexto próximo, as crianças deverão ter contato com obras de arte de diversos períodos históricos e tendências estéticas.

Vários alunos utilizaram partes de suas vestimentas para compor os retratos, fazendo referência direta às experiências que têm com a sua corporeidade. Materiais escolares participaram na construção de partes dos rostos misturados a alimentos e frutas (Fig. 7). Percebe-se, desta forma, o envolvimento pessoal com o trabalho, ou seja, os alunos querem deixar uma parte de si presente na composição, fazendo parte da criação.



Figura 7 – Composição utilizando diversos materiais

Em 2011, o conteúdo “Ritmo” foi trabalhado com o 2º ano do Ensino Fundamental de outra escola municipal. Cada criança dispunha de uma determinada medida de papel pardo, na qual deveria dividir em duas partes, resultando em dois retângulos. As crianças usaram a

imaginação a partir da manipulação dos materiais e começaram a usar os retângulos de papel pardo, formando letras e juntando os seus retângulos às formas dos colegas (Fig. 8). Depois que brincaram com os papéis, foi proposta a atividade de dobradura da gaita, que era a proposta inicial. Com as gaitas, as crianças se envolveram em outras criações inventadas por eles: pontes, janelas, roupas, chapéus, flores, dentre outras formas. (Fig. 9 e 10).



Figura 8 – Crianças formando letras



Figura 9 – Crianças criando ritmos com dobraduras



Figura 10 – Continuação da atividade com movimentos rítmicos

Os alunos vibraram com as inúmeras possibilidades que o uso da corporeidade lhes proporcionou em contato com o material e o conteúdo ensinado nessa aula. Para os alunos,

esse tipo de experiência é prazerosa, porque aprendem brincando, encontrando espaço para a ludicidade que faz parte da vida da criança, pois “[...] o prazer do sabor é, sobretudo, o prazer de se saber, de se saber o mundo e a si mesmo e [entender o corpo como] fonte primeira do saber e da significação” (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 196).

Segundo Wallon (1975), o movimento corporal consiste num elemento fundamental para o desenvolvimento infantil, pois a criança ao desenvolver aspectos motores, afetivos e cognitivos constrói sentidos para o mundo exterior. A corporeidade integra a relação interpessoal e o conhecimento do mundo.

Concluimos, com os relatos e reflexões a partir das experiências pedagógicas em Artes Visuais, a necessidade de investigação sobre o tema da corporeidade na escola.

O campo das Artes Visuais com seus processos educativos se constitui em terreno fértil para a expressão das subjetividades e lógicas dos alunos, podendo tornar-se uma área importante de investigação na educação.

Verificamos a importância que a corporeidade tem no processo de ensino e aprendizagem. Ensinar pode proporcionar alegria, prazer, pois “[...] lutar pela alegria na escola é uma forma de luta pela mudança no mundo” (FREIRE, 1996, p. 9-10).

Ao oportunizar propostas em que o aluno possa utilizar a corporeidade em suas aprendizagens, podemos perceber a felicidade estampada em seus rostos. A felicidade se origina do aprendizado do sensível e esse aprendizado só é possível quando o indivíduo vivencia suas próprias experiências.

Na escola em geral, os aspectos relacionados a intelectualidade e a racionalidade são privilegiados, enquanto que a corporeidade é pouco vivenciada. Para tanto, necessitamos lembrar que o conhecimento e a aprendizagem ocorrem por meio do corpo, e este precisa conquistar seu espaço na escola, potencializando a materialização do querer e devir dos sujeitos no mundo. A escola, desta forma, pode utilizar a corporeidade como elemento catalizador de aprendizagens, contribuindo na formação humanizadora do estudante.

A aproximação com a arte fez com que as formas expressas em instalações, construções corporais, dobraduras e outras materialidades, fossem representativas de sentidos, sentimentos e vivências, constituindo-se em repertório imagético e sensorial para crianças e adolescentes.

A arte ocupou os órgãos dos sentidos, fazendo com que os alunos se percebessem como inteiros, em contato com ela. Os alunos apreenderam por meio da corporeidade os diferentes sentidos e expressões nas criações artísticas, que foram proporcionadas pelas

vivências em grupo. Assim, o corpo possibilitou formas de aprendizagem, funcionando como motivador de aprendizagens e de conhecimentos na escola.

## Referências

- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por Que Arte-Educação?** Campinas: Papyrus, 1983.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível.** 4. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- DUARTE JR, João Francisco. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação.** Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. **Educação: Corporeidade nos Caminhos da Infância.** Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, UFPEL, 2006.
- FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. **Corporeidade na Escola: Brincadeiras, jogos e desenhos.** 4. ed. Pelotas: Ed. Universitária, UFPEL, 2007.
- FIorentin, Sabrina; LUSTOSA, Neusa P.; ROCHA, Doralice L. S. Resgatando o papel do corpo e da corporeidade nos processos de ensino e aprendizagem na educação especial. **In Anais do Congresso Internacional de Educação,** João Pessoa:UFPB, 2004.
- FONTANELLA, Francisco Cock. **O corpo no limiar da subjetividade.** Piracicaba,SP Ed. UNIMEP, 1995.
- FREIRE, Paulo. Prefácio. In Georges Snyders. **Alunos felizes. Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** Trad. Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- ITAÚ CULTURAL. Instalação. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3648](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3648)> Acesso em: 12 fev. 2012.
- ITAÚ CULTURAL. Performance. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3646](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3646)> Acesso em: 12 fev. 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O Olho e o Espírito. In: **Textos selecionados.** São Paulo: Nova Cultural, 1989. Coleção Os Pensadores.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino: uma modalidade de pesquisa-ação. In: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor.** São Paulo: Paulinas, 2010. p. 33-44.
- PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (org). **A Educação no olhar no ensino das artes.** 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 1999. p.11-20.
- REVERBEL, Olga Garcia. **Jogos Teatrais na Escola: atividades globais de expressão.** 2 ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam.** Leitura de arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.